

Capacitismo: percepção de profissionais da reabilitação nas áreas da saúde, educação e assistência social

Ableism: perceptions of rehabilitation professionals in health, education, and social services

Capacitismo: percepción de profesionales de la rehabilitación en las áreas de la salud, educación y asistencia social

 Agatha de Oliveira Chaves¹,  Luiz Fernando de Oliveira da Luz¹
 Gabriela Cordeiro Corrêa do Nascimento²

Recebido: 10/12/2025 Aceito: 16/04/2026 Publicado: 26/05/2026

Resumo:

Objetivo: compreender o entendimento de trabalhadores na área da saúde, educação e assistência social em relação ao conceito de capacitismo. **Método:** estudo qualitativo de caráter exploratório e descritivo, realizado entre 2023 e 2024, através de entrevista semiestruturada com profissionais de habilitação e reabilitação. Os dados foram organizados através da análise de conteúdo. **Resultados:** participaram oito profissionais. Foram construídas quatro categorias: *As fontes de conhecimento sobre o conceito de capacitismo; A profundidade do conhecimento sobre o conceito de capacitismo; Os principais tipos de exemplos ligados à conceitualização do capacitismo; e Os métodos/meios preferenciais ligados à disseminação de informação sobre o conceito de capacitismo.* Havia conhecimento sobre o termo capacitismo, porém mínimo e adquirido através da graduação e capacitações. Relatou-se capacitismo benevolente e paternalista. **Conclusão:** aponta-se a necessidade de esclarecimento acerca do capacitismo para profissionais, familiares e a sociedade em geral.

Palavras-chave: Capacitismo; Pessoas com deficiência; Preconceito; Pessoal de saúde.

Abstract:

Objective: to understand the perceptions of professionals working in the fields of health, education, and social services regarding the concept of ableism. **Methods:** a qualitative, exploratory, and descriptive study was conducted between 2023 and 2024 using semi-structured interviews with habilitation and rehabilitation professionals. Data were organized using content analysis. **Results:** eight professionals participated. Four categories were elaborated: *Sources of knowledge about the concept of ableism; Depth of knowledge about the concept of ableism; Main types of examples related to the concept of ableism; and Preferred methods/means related to the dissemination of information about the concept of ableism.* Participants demonstrated limited knowledge of the term ableism, which was mainly acquired through undergraduate education and professional training. Benevolent and paternalistic ableism was reported. **Conclusion:** the study highlights the need for greater awareness about ableism among professionals, families, and society as a whole.

Keywords: Disability discrimination; Persons with disabilities; Prejudice; Health personnel.

Resumen:

Objetivo: comprender la comprensión de trabajadores del área de la salud, educación y asistencia social en relación con el concepto de capacitismo. **Método:** estudio cualitativo de carácter exploratorio y descriptivo, realizado entre 2023 y 2024, mediante entrevista semiestruturada con profesionales de habilitación y rehabilitación. Los datos fueron organizados mediante análisis de contenido. **Resultados:** participaron ocho profesionales. Se construyeron cuatro categorías: *Las fuentes de conocimiento sobre el concepto de capacitismo; La profundidad del conocimiento sobre el concepto de capacitismo; Los principales tipos de ejemplos vinculados a la conceptualización del capacitismo; y Los métodos/medios preferenciales vinculados a la difusión de información sobre el concepto de capacitismo.* Existía conocimiento sobre el término capacitismo, aunque mínimo y adquirido a través de la formación universitaria y capacitaciones. Se reportó capacitismo benevolente y paternalista. **Conclusión:** se señala la necesidad de esclarecimiento acerca del capacitismo para profesionales, familiares y la sociedad en general.

Palabras clave: Capacitismo; Personas con discapacidad; Prejuicio; Personal de salud.

Autor Correspondente: Luiz Fernando de Oliveira da Luz – ifo.luz@gmail.com

1. Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, Brasil

2. Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, Brasil

INTRODUÇÃO

A inclusão, enquanto parte da relação entre a sociedade em geral e a parte da população que apresenta alguma deficiência, desenvolveu-se de modo diferente ao longo da história, a partir de concepções filosóficas, religiosas e outros pressupostos teóricos distintos¹.

Desde a Antiguidade, observa-se uma dinâmica de exclusão pela qual as pessoas com deficiência eram submetidas; atitudes drásticas como eliminar e/ou descartar os considerados defeituosos e deformados já foram registradas¹. Atitudes de exclusão e discriminação persistiram até a história recente, como nos séculos XIX e XX, quando instituições assistenciais promoviam a segregação dessas pessoas, afastando-as do convívio social em espaços específicos².

Estas práticas de exclusão perpassaram também por sectos e crenças religiosas, e eventualmente tomaram forma própria através da visão científica com a deficiência sendo um problema médico e não mais religioso. Dentro da relação entre a visão científica médica e as pessoas com deficiência, inicia-se a prática da reabilitação, na busca de aproximação entre a pessoa com deficiência do “normal”². Seguindo a ideologia da normalização, houve uma busca pela integração, a saber¹:

Tal processo, fundamentou-se, então, na ideologia da normalização, que representava a necessidade de introduzir a pessoa com deficiência na sociedade, ajudando-a a adquirir as condições e os padrões da vida cotidiana o mais próximo do normal, quanto possível^{1:15}.

Posteriormente, ocorre uma transição para o paradigma do suporte, favorecendo o desenvolvimento da perspectiva da inclusão social. Diferentemente do processo de integração, o processo de inclusão social consiste em entender que a deficiência não está na pessoa, mas sim em um processo de ajuste entre a pessoa com deficiência e a sociedade. Assim, a pessoa com deficiência expressa suas necessidades e desejos e a sociedade se ajusta para prover um espaço comum sem segregação¹.

A transição do modelo biomédico para o modelo social da deficiência no Brasil apenas acontece a partir da década de 1960, com ampliação na compreensão sobre a deficiência, quando se fortalece a reivindicação de direitos e luta pelo reconhecimento do protagonismo das pessoas com deficiência sobre sua própria vida³.

A conquista dos direitos das pessoas com deficiência foi um processo longo e ocorreu através da luta das pessoas com deficiência, profissionais da saúde e familiares³. Desde 2008, discutia-se na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação sobre os direitos das pessoas com deficiência. Ainda assim, permaneceram a violência e a discriminação⁴. Ao final de 1970 ocorreu a busca de novos termos para se referir a pessoas com

deficiência, tendo em vista as denominações pejorativas as quais eram submetidas; por conseguinte, na década de 1980, o decreto do Ano Internacional da Pessoa Deficiente auxiliou as pessoas com deficiência a alcançarem maior destaque⁵.

A lógica capacitista é responsável por criar uma hierarquia entre aqueles que são considerados capazes e aqueles considerados incapazes (pessoas com deficiência)⁶. Os primeiros estudos sobre o tema tiveram início na década de 1970 no Reino Unido e nos Estados Unidos; sendo o fenômeno, inicialmente, estudado por homens com lesões físicas (com destaque para a lesão medular) e que refletiram sobre sua condição enquanto oprimidos e institucionalizados⁷⁻⁹.

Embora o debate sobre capacitismo tenha avançado nos últimos anos, levantamentos apontam que a produção científica ainda se concentra em contextos educacionais e culturais, havendo lacunas quanto à investigação da temática, especialmente quando se analisam campos específicos como educação ou saúde na América Latina. As produções sobre o tema permanecem restritas, apontando para a necessidade de ampliação das pesquisas^{8,9}.

Capacitismo, ou *ableism* (do original em inglês) se refere à noção de normalidade que recai sobre o considerado “corpo perfeito”; enquanto o corpo que destoa deste ideal – isto é, aquele corpo que apresenta particularidades quando comparado ao “corpo perfeito” – é considerado deficiente. Em termos práticos, o capacitismo se materializa através de ações que contribuem para formulação do imaginário que correlaciona certas populações à estigmas pejorativos¹⁰. Estudo baseado em narrativas de pessoas com deficiência indica que o capacitismo produz experiências de exclusão, estigmatização e barreiras sociais que posicionam essas pessoas como desviantes em relação à norma corporal considerada ideal¹¹.

No Brasil, o termo “capacitismo” como expressão para referenciar a discriminação contra pessoas com deficiência foi proposto somente em 2012¹². É possível averiguar, no estado da arte sobre capacitismo, a tentativa de categorização de diversas formas de capacitismo, como: benevolente, hostil e ambivalente. A partir das formas principais de capacitismo se desdobram outras formas específicas: baseado no medo, ciumento/invejoso, paternalista e desumanizante/objetificador¹³.

Estudos internacionais recentes abordaram o conhecimento acerca do conceito de capacitismo, seu papel na estruturação da prática e dos discursos em profissões da saúde e reabilitação^{14,15}. Assim, este estudo teve como objetivo compreender o entendimento de trabalhadores na área da saúde, educação e assistência social com relação ao conceito de capacitismo.

MÉTODO

Na presente pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa com caráter exploratório-descritivo¹⁶, buscando conhecer o cenário atual a respeito da concepção dos participantes sobre o capacitismo. Foram incluídos no estudo os profissionais da área da saúde, educação e assistência social, com formação em psicologia, pedagogia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, serviço social, fisioterapia ou musicoterapia; autônomos; que atendiam pessoas com deficiência, em clínicas de habilitação ou reabilitação ou em domicílio; com mais de um ano de experiência; e residentes em Curitiba ou Região Metropolitana. A apresentação da metodologia seguiu as diretrizes do Guia de Critérios consolidados para relatar pesquisa qualitativa (COREQ).

A amostra foi constituída através do modelo “bola de neve”, utilizada em estudos de natureza qualitativa, que se divide em dois passos: sendo o primeiro a seleção de pessoas com o perfil necessário, chamados “sementes”, selecionadas por conveniência, e, após a entrevista, solicitado que indicassem outras pessoas de sua rede de contatos; o segundo passo, nomeado de primeira onda, se realizou o contato com as pessoas indicadas.

Por sua vez, estes profissionais indicaram outros de sua rede de contatos até que fosse concluída a fase de coleta. A coleta de dados se deu por saturação, discutido pelos pesquisadores, quando não havia novos nomes sugeridos ou os nomes sugeridos não trouxeram novas informações para a análise¹⁷. A fase de entrevistas ocorreu de abril de 2023 a março de 2024.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada, elaborada pelos pesquisadores, com base no referencial teórico e no objetivo da pesquisa. As três primeiras entrevistas foram realizadas com o intuito de verificar a eficácia do instrumento e permitir ajustes, para aproximá-lo ao máximo das proposições do estudo, funcionando como um projeto piloto. O instrumento abordou questões, como: *“você já ouviu falar sobre o termo capacitismo?”*; *“o que você entende pelo termo capacitismo?”*; *“Quais ações você considera capacitistas? Poderia me dar exemplos?”* e *“Você sabia que existem diferentes tipos/classificações de capacitismo?”*.

Após as questões para identificar o conhecimento prévio do participante sobre o tema, o roteiro da entrevista incluiu uma exposição acerca do conceito atual sobre capacitismo. Essa estratégia foi utilizada como uma forma de explorar melhor o entendimento do entrevistado e dar a oportunidade de discussão e reflexão sobre o tema, acessando aspectos específicos e aprofundados do conceito. Especificamente, foram expostos conteúdos acerca de: categorias específicas de capacitismo, conceito de capacitismo e exemplos de expressões capacitistas.

Seguido da exposição do roteiro foram feitas mais sete perguntas, incluindo a pergunta: “*Após essa conversa, como você avalia seu conhecimento prévio sobre o capacitismo?*”.

As entrevistas foram conduzidas por professor a e coordenadora do estudo, bem como colaboradores e estudantes de terapia ocupacionais devidamente treinadas. Não havia relação de proximidade entre entrevistadoras e entrevistados. Os pesquisados foram informados sobre as razões e motivações para o desenvolvimento da pesquisa.

Os participantes foram contactados por mensagem de texto e optaram por realizar as entrevistas de forma *online* e individual, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra e o conteúdo analisado por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin, dividida em três fases: pré-análise; exploração do material e categorização; tratamento dos resultados e a sua interpretação¹⁸, sem o uso de árvore de codificação. Somadas a isso, foram utilizadas notas de campo para interpretação dos dados.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná seguindo a resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sob o parecer nº 5.986.003. Os participantes da pesquisa receberam a letra P e uma numeração específica para sua diferenciação e proteção da identidade.

RESULTADOS

Participaram oito profissionais da área da saúde, educação e assistência social de Curitiba e Região Metropolitana. A maior parcela dos profissionais tem mais de 40 anos de idade, se formou há mais de cinco anos, possui formação complementar em algum grau, é de terceirizados autônomos ou contratados como pessoa jurídica e atuava em instituições privadas, conforme observado na Quadro 1.

A partir da análise dos dados obtidos através das entrevistas semiestruturada, foram identificadas quatro unidades temáticas pertinentes à conceituação do capacitismo pelos profissionais entrevistados: *As fontes de conhecimento sobre o conceito de capacitismo; A profundidade do conhecimento sobre o conceito de capacitismo; Os principais tipos de exemplos ligados à conceituação do capacitismo; e Os métodos/meios preferenciais ligados à disseminação de informação sobre o conceito de capacitismo.*

Quadro 1. Dados dos profissionais pesquisados. Curitiba e região metropolitana, PR, Brasil, 2023-2024.

Código	Idade	Curso	Ano de Formação	Formação Complementar	Regime de Contratação	Instituição
P01	30	Terapia Ocupacional	2021	Curso básico Bobath	CNPJ	Privada
P02	28	Fisioterapia	2017	Pós-graduação em Neurologia e Ortopedia em Traumatologia	CNPJ	Privada
P03	40	Pedagogia	2014	Psicopedagogia	CNPJ	Privada
P04	40	Serviço Social	2017	N/A	CLT	ONG
P05	41	Fonoaudiologia	2018	Mestrado em Ciências Fonoaudiológicas	CNPJ	Privada
P06	41	Psicologia	2014	Cursos livres na área de Análise do Comportamento Aplicada - ABA	CNPJ	Privada
P07	32	Terapia Ocupacional	2014	Pós-graduação em Dependência Química e Análise do Comportamento Aplicada - ABA	CLT e CNPJ	Privadas
P08	33	Terapia Ocupacional	2014	Pós-graduação em Gerontologia e Análise do Comportamento Aplicada - ABA	CLT e CNPJ	Privadas

As fontes de conhecimento sobre o conceito de capacitismo

Os participantes mencionaram que o seu conhecimento – ao menos inicial – sobre o conceito de capacitismo está atrelado ao ensino na faculdade:

A primeira vez que eu ouvi capacitismo foi em 2017. Eu estava na faculdade. E eu não sou daqui do Paraná, eu sou de Belo Horizonte. E eu me formei na UFMG. (P05)

Alguns dos entrevistados relatam ainda que ouviram primeiramente na faculdade, mas aprofundaram seus conhecimentos de outros modos, como P04:

Ouvi um pouco na faculdade, porque na faculdade a gente ouve falar muito pouco sobre a pessoa com deficiência. Na verdade, tive mais informações com cursos de capacitação. (P04)

Outras relatam terem utilizado fontes alternativas:

Bem por cima e bem, redes sociais. Assim, nada de ler um artigo sobre, nunca li, né? Mas ouço muitas vezes pais de crianças com autismo ou pessoas que de alguma forma trabalham com esse público, principalmente, e tratam e trazem ali post, alguma coisa assim, mas bem por cima. (P06)

Nunca fui numa palestra, por exemplo, é mais esse conhecimento que eu tenho de vídeos que eu assisto das próprias pessoas, falando sobre as suas histórias. (P07)

Já ouvi falar sobre o capacitismo nas redes sociais, sobre a questão do preconceito e explicando o conceito geral. (P08)

A mesma participante (P08) relata, para além das redes sociais, pesquisas e publicações científicas que lhe foram repassadas como outra fonte de conhecimento.

A profundidade do conhecimento sobre o conceito de capacitismo

A maior parte dos participantes relatou como uma discriminação e/ou preconceito:

Capacitismo é o preconceito mesmo com a pessoa com deficiência, né? Discriminação, preconceito ou qualquer coisa que venha a, como que eu posso dizer, a discriminar uma pessoa que tem alguma deficiência, né? (P03)

Uma discriminação, um preconceito com as pessoas com deficiência e muitas vezes no sentido de “É, essa pessoa não consegue fazer isso porque ela tem uma deficiência”. (P01)

Um entrevistado não havia recebido qualquer tipo de informação sobre o assunto em sua formação (P06) relacionou o capacitismo com um preconceito:

Primeiro, a leitura que eu faço quando eu vejo, algum post, alguma coisa em redes sociais, tendo a pensar que capacitismo é algo ruim, né? E que está ligado a, talvez um julgamento de que é a pessoa com alguma deficiência, alguma limitação, enfim, não consiga fazer algo. Um pré-julgamento, um pré-conceito ali de “ah ela não consegue fazer”. Enfim, já deixar algo mais facilitado para que ela faça achando que ela não consegue fazer. (P06)

Os entrevistados foram expostos a conhecimentos acerca do estudo sobre o capacitismo, conforme previsto na metodologia. Após essa exposição, a grande maioria relatou não conhecer o conceito de capacitismo na extensão exposta, que incluía categorias sobre tipos distintos de capacitismo e uma conceituação mais elaborada e aprofundada:

Os nomes, eu confesso que foram novidades. Assim, eu não sabia que era. Eu imaginava que cada um tinha uma especificação, mas eu não sabia. (P05)

Acho que básico, que eu conhecia o termo, sabia que era um tipo de discriminação, mas não sabia que era nomeado cada tipo dentro do capacitismo, né? (P04)

Não, assim, eu vejo muito de vários tipos de capacitismo na minha prática. Mas assim nesses termos não. (P01)

Ainda, a maior parte dos participantes considerou seu próprio conhecimento sobre a conceituação do capacitismo como básico e mencionou a possibilidade de aprimorá-lo.

Eu tenho um conceito bem básico, nunca me aprofundei sobre o assunto. (P04)

Eu acho que eu posso melhorar. Eu não acho que é uma coisa que eu não saiba, porque me chama atenção. É um assunto que me interessa, que faz parte da minha vida. (P05)

Bem prévio, ainda. [...] Enfim, é um gatilho para procurar, quem sabe entender mais e conhecer, né? E até avaliar, colocar num crivo aí, tentar olhar para prática, para as falas e ações, primeiramente comigo, para de alguma forma tentar influenciar o meio que eu que eu estou. (P06)

Os principais tipos de exemplos ligados à conceituação do capacitismo

Para complementar suas respostas quando perguntados sobre seu conhecimento acerca do conceito de capacitismo:

[...] Uma forma de não conseguir colocar o paciente ali que tem aquela doença dentro da nossa atualidade, dentro da nossa sociedade, né? É infantilizar o paciente, achar que o paciente não tem a capacidade que a gente tem, que não

tem capacidade de estar convivendo da mesma forma que a gente convive. Então entra até uma questão que comentei lá no início, de formas comuns que a gente tem de estar falando, né? Acaba sendo uma forma; vamos dizer assim... uma frase que a gente fala é “dar uma de João sem braço”, “desculpa de aleijado é muleta”. Então essas coisas acabam entrando nisso. Uma forma de capacitismo, uma forma de estar discriminando o paciente com a deficiência intelectual, né? (P02), (capacitismo hostil)

Quando perguntados sobre o capacitismo de modo geral, as principais respostas foram: superproteção e admiração exacerbada:

A questão de infantilizar a criança entra como uma questão de capacitismo, né? É uma forma de estar discriminando a criança. A criança, o adulto, independente do portador daquela deficiência. (P02), (capacitismo benevolente)

Pelo que eu vi nas redes sociais, é achar que preciso facilitar algo, tipo: “Deixa eu deixar aqui uma parte [...] de uma atividade para que a criança possa fazer [...] é tipo... “Ah, vamos fazer já deixar aqui metade pronto para facilitar a coisa para ele”, mesmo sabendo que a criança tem competência de fazer, né? (P06), (capacitismo paternalista)

[...] Crianças superprotegidas, elas param, né? Elas chegam num ponto que elas não sabem o que é ser independente. Elas não sabem. E aí, se for olhar o tal padrão normalidade que a sociedade coloca, está tudo certo. Não está tudo certo. Uma criança superprotegida, e aquela criança vai ser infantilizada por ela não saber ser independente, mas ela vai receber tratamentos diferentes por aquele processo que ela passa dos familiares. (P05), (capacitismo paternalista)

Coisa que eu vejo muito é assim: Algum paciente que tem um comprometimento ali e as pessoas [...] tem essa discriminação tipo “Não vai conseguir” e as vezes aquele olhar do tipo “Ai, um anjo. Ai, porque essa pessoa essa criança, olha só, né, um anjinho veio aqui para ensinar a família” [...] Quando a criança consegue às vezes ter um avanço, tipo “Meu Deus” sabe? Então eu considero muito isso como capacitismo, e eu levo esse capacitismo para a família também porque muitas vezes essas mães, tipo assim, com pacientes um pouco mais graves “Nossa, mas assim, sou muito guerreira”, “Eu não sei se conseguiria”. Sabe? Então eu vejo muito capacitismo nesse tipo de fala “Eu não conseguiria suportar isso”, que você é guerreiro ou que você é não sei o quê. Não é uma mãe, né, que está passando por dificuldades, né? Acho que um pouco por esse caminho. (P01), (capacitismo benevolente)

Os métodos/meios preferenciais ligados à disseminação de informação sobre o conceito de capacitismo

Elencou-se os meios da educação (pesquisa e ensino em diversas formas) como positivos para disseminação do conceito de capacitismo:

Eu acho bem importante vocês estarem fazendo um trabalho sobre isso. Eu acho que é o caminho mesmo pra gente diminuir cada vez mais realmente, não é? Pelo estudo, pela educação. (P01)

Muito bom poder participar de pesquisas assim. Eu sou a pessoa que mais levanta a bandeira para as pesquisas. Eu acho que a gente tem que pesquisar, pesquisar, pesquisar, pesquisar e estudar sempre e colocar conhecimento sempre que vocês sejam muito felizes, que dê bons resultados esse estudo de vocês e que vocês consigam levar esse conhecimento para muitas e muitas pessoas passando do mundo da faculdade. (P05)

[...] Ter essa oportunidade - eu estou sendo bem franco aqui contigo - de poder falar sobre o assunto, como você está me acolhendo hoje? Ufa. Dá uma paz, dá uma tranquilidade, sem medo de, por exemplo, “Olha só o que você é! Tipo... como profissional você deveria”, então me permitir ter lugar de fala, mesmo não tendo nenhuma deficiência aparente

ou que eu saiba, de poder falar de poder tirar dúvidas, de poder perguntar sem ser cancelado sem ser taxado porque eu não sei, né? Então eu acho que é isso. (P06)

[...] Até vou levar essa questão pra coordenação da clínica em criar uma palestra, alguma coisa assim sobre o assunto principalmente pros funcionários. A gente está ali em contato mais próximo talvez a gente saiba, a gente tem esse conhecimento, mas e as outras que são lá da recepção, agendamento, que não tem muito esse contato? Seria muito interessante. Vou até levar essa questão pra eles. (P02)

[...] Eu acho que isso que vocês estão fazendo, uma pesquisa tão legal e que podia sim fazer em quadrinho, sabe? Para ir para dentro das escolas, para as crianças, para eles entenderem isso, porque numa escola hoje que a gente tem, ainda está longe de acontecer, mas que eu espero que exista de fato, uma inclusão. As crianças vão conviver com todo mundo, né? Elas vão conviver e as crianças precisam entender que são pessoas. Que cada um é cada um. Independentemente de qualquer coisa, cada um é cada um. (P05)

Também, se apontou as mídias sociais e internet, como modo de acesso relevante ao conhecimento sobre o capacitismo, como o de P08 que adquiriu grande parte do seu conhecimento sobre o assunto através das redes sociais:

Tem coisas que são muito enraizadas na sociedade, isso do preconceito e capacitismo [...] Por isso é muito importante discutir o tema nas redes sociais, como Instagram, compartilhando as histórias e preconceitos que sofreram. (P08)

DISCUSSÃO

A autorreflexão sobre o nível de conhecimento acerca do capacitismo, mesmo que elementar, de algum modo mostrou também, aspectos positivos a partir da análise das respostas: a maior parte tinha algum conhecimento sobre o capacitismo; as instituições de ensino – que são variadas dentre o grupo de participantes – abordaram algum conhecimento sobre o assunto pelo menos desde 2017.

Todos relataram interesse em aprimorar e compartilhar o seu conhecimento na área, ou mesmo que já compartilharam nos ambientes em que convivem (tanto profissional quanto familiar). Em estudo com profissionais que atuam com pessoas com deficiência em diferentes áreas, 72,4% relataram ter conhecimento sobre capacitismo, contudo, ao analisar as definições apresentadas, apenas 47,5% demonstraram entender sobre a temática¹⁵.

Os relatos demonstraram a importância dos cursos de educação superior como meio de propagação de conhecimento acerca do capacitismo, sendo um dos meios apontados que podem levar à reflexão e, por conseguinte, a atenuação de atitudes capacitistas. Contudo, a universidade em si ainda é marcada por barreiras de cunhos diversos como: barreiras metodológicas, barreiras arquitetônicas e estruturais e barreiras atitudinais, por exemplo¹⁹.

Denota-se então que, mesmo abordando o tema, as instituições de nível superior ainda são capazes de reproduzir o capacitismo, como apontado em estudo com profissionais das áreas de Terapia Ocupacional e Fisioterapia, ao citar as práticas de simulações de deficiência que,

ainda que de forma não intencional, reforçam atitudes negativas direcionadas à essa população¹⁴. Portanto, torna-se fundamental o aprofundamento conceitual do assunto e sua posterior aplicação na prática.

Apesar deste conhecimento básico e prévio autorrelatado a respeito do capacitismo, verificado na segunda categoria de análise, foram utilizados como principais termos “preconceito à pessoas com deficiência” e “discriminação”. Com isso, é relevante a seguinte observação: o capacitismo, quando considerado em sua forma de atitude direta, é o preconceito com pessoas com deficiência. Este modo de pensar se relaciona com uma visão antiga sobre a compreensão da pessoa com deficiência, na qual, categorizava-se a pessoa com deficiência a partir de suas diferenças, como loucas ou surdas²⁰.

A visão dos participantes é em grande parte influenciada por estereótipos, uma vez que o conceito de capacitismo é muito mais amplo que o simples preconceito direto. Outra forma de interpretar o capacitismo, para além do preconceito e discriminação, é como tendo dimensão interseccional e estrutural^{15,21}. Ao enxergar o capacitismo como simples preconceito, corre-se o risco de não o compreender em suas diversificadas facetas.

Os diferentes tipos de formas e/ou experiências em relação ao capacitismo foram sumarizados em artigo que aborda a temática relacionando-a à Terapia Ocupacional¹³. Dentre estas formas e/ou experiências, diferentes comportamentos e atitudes são definidas como capacitismo, corroborado pela terceira categoria de análise do presente estudo.

A utilização primária revelou possível falta de conhecimento acerca do conceito, ainda que haja algum saber prévio de atitudes que estão atreladas a algum tipo de capacitismo específico. Estudos em contexto internacional apontam que as definições dadas pelos profissionais com frequência abordam apenas o componente da discriminação¹⁵ e que os profissionais podem apresentar atitudes capacitistas implícitas, quando não percebem a natureza capacitista de seus próprios atos¹⁴, aspecto reforçado pelo nível de conhecimento básico sobre o tema.

Nas entrevistas, verificou-se: capacitismo hostil, benevolente e ambivalente (incluindo sua ramificação paternalista). O capacitismo hostil acontece através de atitudes hostis contra as pessoas com deficiência, o capacitismo benevolente ocorre quando se assume vulnerabilidade da pessoa com deficiência e o capacitismo ambivalente consiste na alternância entre o capacitismo hostil e o capacitismo benevolente¹³.

Formas específicas desdobradas a partir das principais formas do capacitismo incluem: o capacitismo baseado no medo, que é quando as ações de um terceiro são controladas pelo medo da pessoa com deficiência; capacitismo desumanizante/objetificador, quando não se

respeitam direitos humanos básicos da pessoa com deficiência; capacitismo paternalista, que são atitudes ou comentários paternalistas; e, por ainda, o capacitismo ciumento/invejoso, que se manifesta quando um terceiro deseja as coisas que pessoas com deficiência recebem¹³; das formas especificadas e desdobradas aqui, somente a paternalista se manifestou.

Uma possível hipótese é que a defasagem conceitual pode levar a não identificação destes e outros tipos de capacitismo, sendo assim, o participante não relataria tais atitudes e ações como possivelmente capacitistas.

Durante as respostas prevaleceram manifestações paternalistas e benevolentes ao relatarem diálogos superprotetores das famílias e a visão sobre as pessoas com deficiência, principalmente através de histórias relacionadas à superação e o suposto sofrimento de seus familiares. Esta informação é de suma importância, uma vez que a visão do capacitismo como sendo somente preconceito pode dar a falsa impressão de que ele só pode ser manifestado através de atitudes agressivas, como do capacitismo hostil, quando, na verdade, seja capaz de moldar esferas do âmbito social, fazendo com que outros modos de capacitismo sejam parte vigente da estrutura social, passando despercebido²².

Ainda que o capacitismo hostil tenha sido mencionado em alguns momentos durante as entrevistas, notou-se que, na verdade, muitos dos prejuízos causados às pessoas com deficiência partem de atitudes que são normalizadas pela sociedade em que estas pessoas estão inseridas, como a ajuda não solicitada – ainda que a pessoa seja completamente capaz de realizar a tarefa sozinha – ou o hábito de romantizar ações feitas por pessoas com deficiência que seriam consideradas comuns caso a pessoa não tivesse nenhuma deficiência. Esses acontecimentos podem passar despercebidos por serem normalizados pela sociedade ao não se ter o conhecimento prévio, uma vez que a influência do capacitismo está enraizada na sociedade a partir da própria estrutura social e institucional²².

A prevalência de atitudes que seriam caracterizadas como negativas grande parte das vezes vieram acompanhadas do que os entrevistados se referiam como “boas intenções”, quando se refere sobre o constrangimento que sentiu ao conversar em público com uma colega com um tipo de deficiência intelectual que comentava sobre sua vida íntima e que, por isso, instruí-a os outros a não ficarem sozinhos com ela para protegê-la. Considera-se relevante o achado que mesmo atitudes capacitistas que podem ser caracterizadas estereotipicamente como negativas pela sociedade podem tornar-se justificáveis e aceitas dependendo das intenções daquele que teve tal as atitudes.

Na quarta categoria de análise, notou-se a importância da educação, especificamente do ensino superior, no combate ao capacitismo. Recente revisão integrativa aponta uma série de

sugestões de práticas anticapacitistas propostas para o ensino superior (como práticas artísticas e formação qualificada de professores para lidar com problemáticas relacionadas à inclusão). Ainda, que a produção e distribuição de conteúdo para mídia social por pessoas com deficiência como instrumento importante para desenvolvimento de senso crítico²², corroborando relatos em relação à fonte de conhecimento sobre o assunto.

Ainda, notam-se sugestões ligadas ao ensino básico, como “quadrinhos para a escola”. Outro estudo, também de revisão integrativa, discute as contribuições anticapacitistas na educação básica, como: reorganização curricular, valorização de habilidades a partir de avaliações diversas e elaboração de documentos orientadores⁹.

CONCLUSÃO

O estudo apontou que a principal fonte de informação dos entrevistados sobre o conceito de capacitismo foi a universidade em que se formaram. A maior parte deles considera seu conhecimento sobre capacitismo como básico, com possibilidade e desejo de aprimoramento. Ainda, o principal relacionado à conceituação do capacitismo verificou-se: superproteção e admiração exacerbada. Os entrevistados consideram pesquisas e métodos de ensino variados – como palestras e produção de materiais educativos – como fontes importantes para disseminação de conhecimento.

Os achados proporcionaram maior esclarecimento sobre qual a concepção atual do grupo de profissionais consultados sobre o capacitismo, abrindo caminho para futuras discussões, reflexões e ações acerca do tema e apontando para a necessidade de aprofundamento do tema nos diferentes níveis de educação e formação profissional.

Quanto às limitações encontradas ao longo do estudo relacionadas ao referencial teórico, é notável a separação entre os grupos que estudam o capacitismo. Esta separação se dá tanto cronologicamente – isto é, os estudos muitas vezes são separados por muitos anos ou até mesmo décadas – quanto geograficamente, com alguns países e línguas tendo um maior número de publicações e notoriedade.

Quanto às limitações encontradas relacionadas à pesquisa de campo se deram principalmente pela relação entre o instrumento aplicado e a autopercepção dos participantes. Perguntas que abordavam questões relacionadas às próprias atitudes capacitistas produziram, em média, respostas menos elaboradas, com dificuldade por parte dos participantes em relatar atitudes próprias que poderiam ser consideradas capacitistas, salvo quando a pergunta em si carregava aspectos práticos. Também, apesar do ponto de saturação ser atingido, por vezes foi necessário coletar múltiplas indicações do mesmo entrevistado.

Ressalta-se a relevância do tema e a importância de sua discussão e difusão para os profissionais das diferentes áreas de atuação e para a população em geral.

REFERÊNCIAS

1. Aranha MSF. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. Rev MPT [Internet]. 2001 [citado em 24 fev 2025]; 11(21):160-73. Disponível em: <https://claudialopes.psc.br/wp-content/uploads/2021/08/Paradigmas.pdf>
2. Marchesan A, Carpenedo RF. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. Trama [Internet]. 2021 [citado em 24 fev 2025]; 17(40):56. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v17i40.26199>
3. Maior IMML. Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos. Inc Soc. [Internet]. 2017 [citado em 18 jun 2025]; 10(2). DOI: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1981-0695.2018v13n2.43009>
4. Mendes MJG, Costa MPR, Denari FE. Preconceito, discriminação e estigma contra pessoas com deficiência: uma revisão sistemática de literatura. REVEDUC [Internet]. 2022 [citado em 15 out 2024]; 16:e4825027. DOI: <https://doi.org/10.14244/198271994825>
5. Lisboa MFDLS. A deficiência e o preconceito: visão histórica e atual sobre a pessoa com deficiência. Cad FUCAMP [Internet]. 2020 [citado em 15 out 2024]; 19(42). Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2245>
6. Piccolo GM. Capacitismo: uma categoria útil para a análise histórica das marginalizações sociais. Rev bras Ci Soc [Internet]. 2024 [citado em 18 out 2024]; 39:e39015. DOI: <https://doi.org/10.1590/39015/2024>
7. Diniz D. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. Série Anis [Internet]. 2003 [citado em 18 jun 2025]; 28:1-8. Disponível em: <https://anis.org.br/publicacoes/modelo-social-da-deficiencia-a-critica-feminista-2003/>
8. Souza KL, Machado JB. Publicações sobre capacitismo na área da educação: estado do conhecimento na plataforma SciELO. Missões [Internet]. 2023 [citado em 18 mar 2026]; 9(2):50-62. DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.65>
9. Ferreira SM, Gesser M, Böck GLK, Leandro GC. A produção científica sobre capacitismo na educação básica: uma revisão integrativa de literatura. Rev. port. Educ. [Internet]. 2023 [citado em 25 nov 2024]; 36(1):e23022. DOI: <https://doi.org/10.21814/rpe.27998>
10. Lage SRM, Lunardelli RSA, Kawakami TT. O Capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia. Encontros Bibli. [Internet]. 2023 [citado em 10 nov 2024]; 28:1-20. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e93040>

11. Tarvainen M. Ableism and the life stories of people with disabilities. *Scand J Disabil Res* [Internet]. 2019 [citado em 18 mar 2026]; 21(1):291-9. DOI: <https://doi.org/10.16993/sjdr.632>
12. Mello AG. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Cien Saude Colet*. [Internet]. 2016 [citado em 24 fev 2025]; 21(10):3265-76. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>
13. Yao DP, Sy M, Martinez PGV, Laboy E. Terapia ocupacional é uma profissão da saúde capacitista? uma reflexão crítica sobre capacitismo e terapia ocupacional. *Cad Bras Ter Ocup*. [Internet]. 2022 [citado em 19 jun 2025]; 30: e3303. Disponível em: <https://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/3303>
14. Feldner HA, VanPuymbrouck L, Friedman C. Explicit and implicit disability attitudes of occupational and physical therapy assistants. *Disabil Health J* [Internet]. 2021 [citado em 18 mar.2026]; 14(4):101217. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2021.101217>
15. Friedman C, VanPuymbrouck L, Gordon Z. Not seeing people as capable: disability professionals' mis/understandings of ableism. *J Appl Res Intellect Disabil*. [Internet]. 2024 [citado em 18 mar 2026]; 37(3):e13218. DOI: <https://doi.org/10.1111/jar.13218>
16. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ed. São Paulo: Atlas. 2002. 176p.
17. Vinuto J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temat*. [Internet]. 2014 [citado em 19 jun 2025]; 22(44): 203-20. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
18. Bardin L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2016. 118p.
19. Silva JC, Silva AMS, Maia LM. Capacitismo no ensino superior sob a perspectiva de estudantes: revisão sistemática. *Psi Saber Soc*. [Internet]. 2023 [citado em 30 nov 2025]; 12(1):372-40. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/89204>
20. Ferro BH, Renner JS. O capacitismo como barreira à vivência da corporeidade de pessoas com deficiência física. *Serv Soc Soc*. [Internet]. 2025 [citado em 30 nov 2025]; 148(1):e-6628443. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.443>
21. Moreira MCN, Dias FS, Mello AG, York SW. Gramáticas do capacitismo: diálogos nas dobras entre deficiência, gênero, infância e adolescência. *Cien Saude Colet*. [Internet]. 2022 [citado em 25 nov 2024]; 27: 3949-58. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.07402022>

22. Lorandi JM, Gesser M. Produção científica sobre o capacitismo no ensino superior: uma revisão integrativa de literatura. Rev Educ Espec. [Internet]. 2023 [citado em 25 jun 2025]; 36(1):e30/1-25. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X68635>

Editor Associado: Rafael Gomes Ditterich

Conflito de Interesses: os autores declararam que não há conflito de interesses

Financiamento: não houve

Agradecimentos: Adriana Belmote Moreira pela indicação de material textual. Maria Jenoveva da Cruz e Leticia Emanoeli Dorneles Nespolo Noronha pela assistência na pesquisa.

Contribuições:

Conceituação – Chaves AO, Luz LFO, Nascimento G

Investigação – Chaves AO, Luz LFO

Escrita – primeira redação – Chaves AO, Luz LFO, Nascimento G

Escrita – revisão e edição – Chaves AO, Luz LFO, Nascimento G

Como citar este artigo (Vancouver)

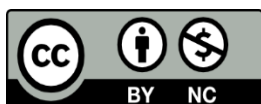
Chaves AO, Luz LFO, Nascimento GCC. Capacitismo: percepção de profissionais da reabilitação nas áreas da saúde, educação e assistência social. Rev Fam, Ciclos Vida Saúde Contexto Soc. [Internet]. 2026 [citado em *inserir dia, mês e ano de acesso*]; 14:e026018. DOI: <https://doi.org/10.18554/refacs.v14i00.8829>

Como citar este artigo (ABNT)

CHAVES, A. O.; LUZ, L. F. O.; Nascimento, G. C. C. Capacitismo: percepção de profissionais da reabilitação nas áreas da saúde, educação e assistência social. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, MG, v. 14, e026018, 2026. DOI: <https://doi.org/10.18554/refacs.v14i00.8829>. Acesso em: *inserir dia, mês e ano de acesso*.

Como citar este artigo (APA)

Chaves, A. O., LUZ, L. F. O. & Nascimento, G. C. C. (2026). Capacitismo: percepção de profissionais da reabilitação nas áreas da saúde, educação e assistência social. Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc., 14, e026018. Recuperado em *inserir dia, mês e ano de acesso* de <https://doi.org/10.18554/refacs.v14i00.8829>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons